

**Em meio a cílios, maquiagens,
perucas e livros : diferentes formas
de (re)produção das masculinidades**

*Amid lashes, make-up, wigs and books:
different forms of (re)production of masculinities*

José Rodolfo Lopes da Silva

*Mestre em Educação (UFJF)
e-mail: jrodolfoledes@hotmail.com*

01

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo problematizar alguns saberes ligados ao processo de (re)construção das subjetividades como, por exemplo, masculinidades, resistências e (in)disciplinas. Para tal, serão analisados diferentes excertos do musical inglês *Everybody's Talking About Jamie*. Artefatos culturais possuem potência pedagógica, social, estética e política, propiciando debates e visibilidade a outros modos de ser e estar nas relações sociais. As contribuições teórico-metodológicas são dos trabalhos de Michel Foucault e da perspectiva pós-estruturalista.

Palavras-chave: Masculinidades; Disciplinas; Resistências; Artefatos culturais.

Abstract

This paper aims to problematize some knowledge related to the process of (re)construction of subjectivities such as masculinities, resistances and (in)disciplines. In order to do this, different excerpts from the English musical Everybody's Talking About Jamie will be analyzed. Cultural artifacts have pedagogical, social, aesthetic and political power, promoting debates and visibility to other ways of being in social relations. The theoretical and methodological contributions come from the works of Michel Foucault and from the poststructuralist perspective.

Keywords: Masculinities; Subjects; Resistances; Cultural artifacts.

Introdução

Estou¹ em um ambiente calmo, mas com movimentações. A orquestra ao fundo se mistura às vozes da plateia e às luzes baixas que acomodam o teatro. Espaço que pode ser reconfigurado para contar múltiplas narrativas. Histórias que podem nos atravessar, dizer de nós mesmos, proporcionar catarses. Penso no teatro como lugar que propicia experimentação, pulsão, (re)criação, subversão e contestação. Luzes se apagam, a música se inicia para dar vida a história de Jamie. Com estreia em 13 de fevereiro de 2017 o musical *Everybody's Talking About Jamie*² - *Todo Mundo Está Falando Sobre o Jamie* - vem causando furor. A aceitação pelo público vinha garantindo a prorrogação da peça – com suas apresentações suspensas devido a pandemia da Covid-19 – além da sua gravação e exibição em cinemas do Reino Unido, Irlanda e outros países selecionados do continente europeu. A história também será transformada em filme com previsão de lançamento em 26 de fevereiro de 2021.

Baseado no documentário de 2011 da BBC3, *Jamie: Drag Queen*³ at 16 – *Jamie: Drag Queen aos 16* – o espetáculo conta a história de Jamie, menino que aos 16 anos tem como sonhos se tornar uma *Drag Queen* e ir à formatura usando um vestido. Jamie lidará com alguns percalços

1 Assisti ao musical pela primeira vez em dezembro de 2017. Capturado por sua potência comprei o roteiro, disponível no saguão do teatro. Posteriormente, encontrei a gravação da peça *online*, o que me possibilitou rever as cenas.

2 O musical tem suas músicas e diálogos escritas por Tom MacRae. A composição das melodias ficou a cargo de Dan Gillespie Sells. As falas, títulos das canções e trechos das mesmas serão reproduzidas em itálico e possuem tradução livre.

3 *Drag Queen* é uma expressão artística que apresenta suas variações sócio-histórico-culturais. Entendo não ser possível falar de uma forma única de ser *drag queen*. Entretanto, é comum que sejam pessoas que se “montem” – constroem suas personagens através de roupas e acessórios lidos/ensinados culturalmente como femininos –, produzindo questionamentos acerca do rígido conceito de identidade (LOURO, 2004a).

como por exemplo, o colega de sala homofóbico, o pai que não aprova suas escolhas e orientação sexual e a professora que não sabe como lidar com esse aluno que coloca sob suspeita as porosas fronteiras dos gêneros. Entretanto, o que torna Jamie instigante é o fato dele – apesar das violências físicas e simbólicas – não permitir que isso o cerceie, pelo contrário. Jamie mostra que é possível criar outras possibilidades para nossas existências - para além do binário, heteronormativo, androcêntrico, eurocêntrico e cristão. É possível cuidarmos de nós mesmos, de nos curarmos enquanto obras de arte. Michel Foucault (1994) apresentava como inquietações o fato de nossa sociedade ter aprendido, comumente, a relacionar somente objetos com a arte. Segundo ele, há potência para pensarmos nos indivíduos e na vida como obras de arte. Um sujeito que se (re)constrói frente o “natural”, que questiona seus próprios olhares e passa a ver outras possibilidades para sua existência.

O presente texto tem como objetivo problematizar o arquétipo que aprendemos a enxergar como o “homem de verdade” e trazer tensionamentos acerca do que pensamos enquanto possibilidades para além do que está posto como “natural”. Para tal, analisarei o musical supracitado através de suas músicas, diálogos e indumentárias. A escolha do espetáculo parte da compreensão e provocação que produções culturais possuem potência pedagógica, social, estética e política (LOURO, 2008; ELLSWORTH, 2001; FISCHER, 2002, 2008). Assistir a um musical, assim como ver filmes e séries, ler livros e revistas, entre outras ações diz de investimentos, ações pedagógicas - feitas de forma consciente ou não. Tais produções podem fomentar debates, nos ensinar e fazer (re)pensar sobre modos de ser e estar em nossas relações sociais. Dessa forma, podemos inferir que as produções culturais comumente (re)produzem arquétipos legitimados em nossa sociedade construindo, relacionalmente, sujeitos deslegitimados.

Há um relógio na parede – e muito mais – que nos organiza

Luzes acesas. O palco toma nova forma e a escola surge. No decorrer da peça vemos que o mesmo espaço passa por rearranjos. Elementos vão sendo (re)posicionados e trazendo essa dinamicidade e plasticidade para o tablado. A aula já em andamento traz os/as alunos/as, em seu último ano escolar, e Miss Hedge, a professora, debatendo sobre escolhas profissionais. Vemos uma sala diversa em que há meninos e meninas de diferentes raças, etnias e contextos culturais. Há personagens negros/as, descendentes do oriente médio, gordos/as, etc. Diferente dos/as outros/as alunos/as, Jamie está sentado no fundo da sala, envolto em seus pensamentos.

A professora elege Pritti - uma das alunas - como um exemplo, uma vez que ela possui “sonhos reais” para o seu futuro - a aluna almeja se tornar uma médica. Dessa forma instaura-se um debate sobre os possíveis caminhos que serão trilhados. Bex, uma das alunas, diz que se casará com um bilionário. Logo é questionada pela professora se não seria melhor algo mais realista. “*Um milionário?*”, a discente responde rindo. A docente então segue perguntando aos/às alunos/as o que eles/as querem ser. Um/a à um/a eles/as vão respondendo “*Eu não sei, professora.*”

Alfredo Veiga-Neto (2003) problematiza a naturalização dada ao papel da escola enquanto máquina que produz sujeitos disciplinados e os organiza para que possam ter “sucesso”. Para que possam se enquadrar ao projeto da modernidade. Ele propõe então que tenhamos atenção não ao que imaginamos ser a escola, mas sim em “(...) como ela se tornou o que é, como ela está envolvida com a sociedade em que se insere, como podemos entender melhor, através dela, as transformações que o mundo está sofrendo.” (Veiga-Neto, 2003, p. 104). É importante dizer, que o pesquisador vê a escola de forma ampla, abarcando a universidade, e levando a fa-

bricação de um sujeito moderno – ligado à disciplina do corpo e do saber. Disciplina que investe no autogovernamento. Cada vez mais e melhor. Quando Miss Hedge pede aos/às seus/suas alunos/as que tenham “sonhos reais” há uma referência sobre o que aprendemos a ver como sucesso. Para a professora de Jamie a sua escolha não se adequa a esse caminho, essa trilha de suposta felicidade e realizações garantidas.

Quando chega a vez de Jamie falar sobre a sua escolha, ela o percebe disperso lendo uma revista com suas pernas cruzadas. “*Jamie?*”, ela o chama, que não a escuta. Seu tom de voz vai gradualmente aumentando até que na terceira vez Jamie se assusta e pede desculpas. “*Eu? Desculpe, senhorita. Estava distante com as fadas.*”. Jamie diz que também não sabe qual profissão deseja. A professora, animada, diz que recebeu os resultados de seus testes vocacionais e que o resultado de Jamie é condutor de empilhadeiras. “*Obrigado, senhorita. Sonhos podem mesmo se tornar realidade.*”, Jamie ri sem graça. Nesse momento Jamie “se transporta” para outro espaço. As luzes focam nele que fala consigo mesmo. “*A verdade é que o que eu realmente quero ser... é uma drag queen.*”.

Jamie coloca sob suspeita e provoca a garantia de sucesso que a sociedade da modernidade vem investindo. Algo que atravessa nossas relações, que aprendemos, incorporamos, nos constitui e que comumente passamos adiante em nossas relações. Ações sobre ações. Michel Foucault (2008) defende que aprendemos a nos governar através de diferentes e imprevisíveis meios – um deles sendo a religião cristã. Para ele, isso se levou a “organização de um poder de tipo pastoral, depois sob a forma da direção de consciência, da direção das almas.” (FOUCAULT, 2008, p. 166). O poder pastoral se distribuiu em nossas relações, fazendo com que pensemos que há alguém/alguma instituição que detenha “A Verdade”, a salvação.

Em seguida Jamie elogia os sapatos da professora que agradece e continua conversando sobre os resultados dos testes com os/as discentes. Inicia-se a performance da canção “*And You Don’t Even Know It*” - “*E Vocês Nem Imaginam*”. A música fala sobre Jamie se carregar/enxergar enquanto uma estrela, mesmo que alguns/mas não percebam, o vejam meramente como um menino excêntrico e estranho, o menino *gay*. Ela também nos convida a pensar sobre como o gênero nos organiza socialmente e que outras possibilidades são possíveis.

Há um relógio na parede que se move muito devagar
Tem horas para passar e uma vida inteira para seguir
E estou segurando minha respiração até ouvir o último sino
Então eu estou saindo e dando o meu máximo
Porque eu sou uma estrela e vocês nem imaginam
Em um sutiã maravilha e vocês nem imaginam
(Trecho da canção *And You Don’t Even Know It*)

A vida de Jamie não se resume aos ataques sofridos na escola. Ele vive com sua mãe, Margaret, que tenta a todo custo protegê-lo de possíveis decepções como, por exemplo, saber que a ausência do seu pai - divorciado de sua mãe - se dá por ele não aceitá-lo. O que incomoda seu pai não é apenas a sexualidade. Constantemente ele se sente constrangido com o modo que Jamie se coloca no mundo, seja pelas suas roupas, trejeitos, voz e maneirismos. Jamie é um menino franzino, com voz e gestos delicados. Em seu uniforme escolar, diferente dos outros meninos, ele traz alguns elementos que dão mais cor como, por exemplo fitas coloridas em seu cadarço, um broche em seu blazer e meias coloridas. As meninas usam as mesmas blusas e blazers que os meninos, mas suas calças são mais justas e algumas usam saias. Todas possuem cabelos longos, diferente dos meninos com seus cortes bem batidos, devidamen-

te penteados e/ou com acessórios. Há duas meninas, descendentes do oriente médio que usam calças mais largas e um *hijab*, véu comumente adotado por mulheres de sua cultura.

Adriana Piscitelli (2009) defende a importância em se falar de gênero. Para a pesquisadora, passamos por processos em que somos ensinados que há espaços distintos para homens e mulheres. Ela ainda reconhece que os processos são diferentes de contexto para contexto, mas que comumente são pautados através de distinções biológicas, particularmente sobre suas capacidades reprodutivas, levando a uma naturalização do que esses sujeitos podem ou não fazer, o que é inerente ou não a seus corpos, o que é “natural”. Dessa forma, podemos pensar que passamos por diferentes investimentos que nos “produzem” enquanto sujeitos. Na sociedade em que vivemos, comumente esses investimentos têm como foco a construção de sujeitos binários, heterossexuais e cristãos. Elementos que supostamente levam ao “sucesso”, ao “normal”. Jamie representa em sua escola uma “contrariedade”. Ele é o menino que busca ultrapassar a fronteira que lhe é imposta e causa estranhamentos e incômodos naqueles/as que enxergam meninos e meninas de formas distintas e engessadas.

Não espere por amanhã... olhares que se (re)constroem

Jamie se dirige para casa. Lá, sua mãe e Ray, uma amiga da família, o esperam para realizar uma surpresa. É o aniversário de Jamie. A casa está enfeitada com balões e bandeirinhas azul e rosa. Enquanto Jamie não chega elas conversam sobre diferentes assuntos até que Ray pergunta como foi sua noite anterior – Margaret ficaria sozinha para descansar. Ela então explica que teve que ajudar Jamie com seu trabalho da escola. Ray sugere que ela deveria pedir ajuda ao pai. Ao que Margaret responde que ele não possui essa habilidade, Ray diz que elas deveriam acrescentar

este item a lista de coisas que ele não é bom, incluindo a ausência no aniversário do próprio filho. Margaret tenta contornar a conversa e diz que é possível que ele apareça.

Ao perceberem que Jamie está chegando elas se escondem. Logo que ele entra elas gritam “*SURPRESA!*”. Fitas são estouradas e uma língua de sogra é assoprada enchendo a casa de euforia. Jamie se encanta com o carinho e cuidado. Beija e abraça as duas. Em meio às felicitações, Margaret pergunta como foi a escola. Ele rapidamente conta sobre o resultado do teste vocacional e pergunta onde está seu pai. Desconcertada, Margaret decide não lhe contar a verdade, ela diz que ele tentará vir. Nesse momento ela entrega um cartão que diz ser dele. Entretanto, foi a própria Margaret quem o comprou, escreveu a mensagem e assinou. Jamie lê o cartão - que possui a figura de um carro de corrida - “*Tenha um aniversário super acelerado - com amor, papai.*”. “*Ele me conhece tão bem.*”, diz Jamie ironicamente.

Jamie e Margaret ilustram o distanciamento da “família tradicional”, composta pelo pai, a mãe e o/a(s) filho/a(s). Ray, a amiga íntima e sempre presente, também é parte da família. Modelo que pode ser visto por alguns como distante do “natural”, do “estruturado”. Para além do musical podemos pensar que famílias compostas por casais homoafetivos, relações não monogâmicas, crianças criadas pela avó, etc., causam estranhamentos em alguns contextos. Mariza Corrêa (1981) nos convida a repensar o modelo essencialista ligado a instituição familiar patriarcal brasileira. Ao identificá-la como generalizante, a pesquisadora defende que este foi apenas um modelo tratado como referência para representar as famílias da época, mesmo não correspondendo à realidade – à época e atualmente. Ao analisar as obras de Gilberto Freyre e Antônio Candido, ela pôde perceber a diversidade de modelos familiares como, por exemplo, a presença constante de famílias monoparentais, contestando assim a concepção monolítica de família.

Logo em seguida Margaret entrega a Jamie seu presente. Um par de sapatos vermelho de salto alto. Jamie não contém sua animação e agradece. “*A vendedora disse que a minha filha deve ter pés muito grandes e eu disse que eram para o meu filho. Vocês tinham que ter visto a cara dela.*”, Margaret diz para Jamie e Ray. Jamie logo calça seus sapatos e desfila para sua mãe e Ray. Jamie pergunta a Margaret se ela se recorda da primeira vez que ele experimentou um de seus sapatos. “*Você caiu da escada, quase quebrou o seu nariz. Eu disse para o seu pai que acertaram seu rosto com uma bola de rúgbi. Ele ficou tão orgulhoso...*”, Margaret diz. Jamie então confia que quando ele tinha oito anos foi visto pelo pai usando os sapatos de sua mãe. Margaret, preocupada pergunta o que ele disse. Jamie desconversa e diz que não pode sair assim, ser visto usando os sapatos. “*Miss Hedge está certa... sonhos estúpidos...*”. Margaret e Ray encorajam Jamie a seguir seus sonhos, como ele deseja. “*Eu acho que você está absolutamente fantástico.*”, sua mãe diz.

Segundo Guacira Lopes Louro (2003), é preciso ter os sentidos atentos para o que nos cerca. Assim poderemos ouvir, ver e sentir que há diversas formas de se constituir enquanto sujeitos. Perceberemos que os espaços “não são distribuídos nem usados — portanto, não são concebidos — do mesmo modo por todas as pessoas.” (LOURO, 2003, p. 59). Ela ainda defende que no decorrer de processos históricos, culturais e sociais, tais concepções vão sendo aprendidas, interiorizadas e naturalizadas, fazendo com que enxerguemos essas ações como a “ordem das coisas”. Essas “naturalizações” podem se manifestar de diversas maneiras. Seja pela vendedora que vê com estranhamento uma mãe querer comprar sapatos de salto alto para seu filho ou um pai que se enfurece quando vê seu filho usando as roupas de sua mãe, mas fica feliz ao saber que ele se machucou praticando um esporte, realizando uma atividade “masculina”.

No dia seguinte Jamie leva os sapatos até a escola. Chegando lá ele se senta com Pritti e quando percebe que não há ninguém por perto ele mostra seu presente. “*Uuu!! Eles são tão glamourosos! Para quem eles*

são?”, pergunta sua melhor amiga. Quando Jamie conta que são dele, Pritti se mostra confusa. “*Você quer ser uma mulher?*”, ela questiona?. “*Não, eu quero ser um menino. Que às vezes quer ser uma menina.*”, ele diz. “É algo... sexual?”, ela o interpela. Jamie explica que é divertido. “*Eu quero ser uma drag queen. Você pode fazer isso sabe, para ganhar dinheiro. Então... o que você acha?*”, ele a pergunta. “*Eu acho que é estranho. Sim. Mas eu acho que esse é o propósito. Todo mundo acha que eu sou estranha também. Eu sou uma garota muçulmana com um primeiro nome hindu - obrigado, mãe! Os olhares que costumavam me dar na mesquita.*”, ela comenta. “*Sim, Pritti. Eu, sendo uma drag queen, em Sheffield, é exatamente assim.*”

As perguntas de Pritti, em um primeiro momento, são sintomáticas de como aprendemos a buscar “coerências” nos sujeitos, em nós mesmos. Além de reiterar lógicas naturalizadas, isso pode levar ao cerceamento e limitações de nossas subjetividades como não permitir que homens heterossexuais se expressem através da arte *drag*, pois isso já os colocaria – e a sua sexualidade – sob suspeita. A heterossexualidade binária é frequentemente (re)produzida como a norma, o caminho natural – e que, portanto, não precisa ser questionado. Segundo Judith Butler (2003) a constituição da heterossexualidade decorre no engendramento da matriz heterossexual que consiste no:

(...) modelo discursivo/epistemológico hegemônico da inteligibilidade do gênero, o qual presume que, para os corpos serem coerentes e fazerem sentido (masculino expressa macho, feminino expressa fêmea), é necessário haver um sexo estável, expresso por um gênero estável, que é definido oposicional e hierarquicamente por meio da prática compulsória da heterossexualidade. (BUTLER, 2003, p. 216)

Dean se aproxima. Jamie esconde seus sapatos e ele e Pritti fingem estar estudando. Como de costume, Dean os atormenta, seja chamando Jamie de gay ou Pritti de gorda. Jamie, já não sustentando mais as in-

vestidas violentas do colega de classe defende sua melhor amiga e pela primeira vez se defende. “*Sim Dean, eu sou gay. Eu sou gay - então você me chamar de gay não é um insulto. Porque eu sou gay, bichinha, boiola - seu trágico idiota com um micro-pênis.*”, ele diz. Dean, desconcertado, se defende dizendo que seu pênis não é pequeno. “*Não é o que a Becca diz.*”, Jamie responde. Pritti, não escondendo sua excitação, parabeniza Jamie pela coragem e o incentiva a usar seus sapatos para o baile de formatura. “*Jamie, pare de pedir permissão para ser você.*”, ela diz.

Pritti dá início a canção “*Spotlight*” - “*Holofote*” em uma tradução livre. A música é como um acalento para Jamie. Algo que o conforta, que mostra que não há nada errado com seu sonho em se tornar *drag queen*, seus desejos, sua sexualidade e como se expressa em seu mundo e suas relações - seja pelas suas vestimentas, trejeitos, corte de cabelo, voz e outros traços de seu comportamento.

Não espere por amanhã
Seja feliz hoje
E todas aquelas pessoas estúpidas
Quem se importa com o que eles dizem?
Eu sei que não é fácil
Mas eu sei que você é forte
(Trecho da canção *Spotlight*)

A canção surge como um convite para cuidar de si mesmo. De uma forma que olhemos para nós mesmos, não esqueçamos de nós, nos cuidemos (FOUCAULT, 2010). Nesse sentido o cuidar de si significa estabelecer uma relação consigo mesmo que é particular, que reconstrói seus olhares sobre aquilo que está posto, sobre si mesmo, sobre aquilo que o/a rodeia. É uma relação transcendente. Para Foucault (2010), não há idade exata para o cuidar de si. Entretanto ele aponta que há funções distintas: quando se é jovem o cuidar de si nos prepara para a vida, para

nossa existência. Durante a velhice seria “rejuvenescer, isto é, voltar no tempo ou, pelo menos, desprender-se dele.” (FOUCAULT, 2010, p. 81). O cuidado para Jamie o propicia isso, equipar-se para aquilo que sua existência demanda.

Entre perucas, vestidos, acessórios e preenchimentos - *Victor's Secret*: um mundo instigante para Jamie

Acanhado, Jamie adentra *Victor's Secret*, uma loja com alguns itens para *drag queens* como, por exemplo, vestidos, acessórios, e outros adornos. A loja chama atenção por seus itens fabulosos, plumas e paetês. Há manequins “montados” e antigos pôsteres com a *drag queen* Loco Chanelle. É um mundo novo para Jamie. Algo que sempre esteve ali, mas que chegou o momento de desbravá-lo – algo distante para muitos homens do seu contexto. Hugo, o dono da loja o recebe e pergunta o que ele deseja. Jamie, tímido, revela que está a procura de roupas porque quer se tornar uma *drag queen*. Uma animada conversa se inicia e Hugo se torna um conselheiro para o aspirante a arte *drag*. “*Você deve deixar o vestido te escolher.*”, ele aconselha Jamie, dramaticamente.

Jamie escolhe um longo vestido vermelho com aplicações de lan-tejoulas e *strass*. Hugo, excitado, lhe conta que aquele vestido pertencia a famosa Loco Chanelle. “*Quem é Loco Chanelle?*”, Jamie pergunta. Hugo indignado aponta para os diferentes pôsteres enquanto exclama: “*QUEM É LOCO CHANELLE! ELA É LOCO CHANELLE!!! Ela foi a maior drag queen que já viveu.*”. A conversa continua e Hugo questiona Jamie sobre outros elementos de sua *drag queen* como, por exemplo, nome e como ele a vem construindo.

Segundo Judith Butler (2003), as *drag queens* podem trazer em suas performances atos paródicos e subversivos. Entretanto, é preciso ter atenção ao que a *drag* (re)produz para o seu público. A filósofa traz

problematizações acerca do que o/a artista vem (re)produzindo em suas performances, se causam rompimentos ou naturalizações e repetições domesticadas do que é legitimado culturalmente:

Que *performance* inverterá a distinção interno/externo e obrigará a repensar radicalmente as pressuposições psicológicas da identidade de gênero e da sexualidade? Que *performance* obrigará a reconsiderar o lugar e a estabilidade do masculino e do feminino? (BUTLER, 2003, p. 198. Grifos da autora)

Jamie confia a Hugo outro sonho: ir à formatura de vestido. Hugo hesitante e preocupado com essa revelação deixa Jamie inseguro. “*Formatura? Em uma formatura de escola?*”, ele pergunta. “*Sim. Você acha que eu sou idiota?*”, Jamie o questiona receoso. Após uma longa pausa, Hugo diz que possui preocupações e que adolescentes podem ser cruéis. Jamie então pergunta se não deveria ir. “*Não, você tem que ir! Como homenagem a todas as pessoas que vieram antes de você. Essa é uma guerra, meu filho. Você é um guerreiro agora e um guerreiro precisa de sua melhor armadura.*”, Hugo diz lhe devolvendo o vestido vermelho.

O encontro de Jamie com Hugo abre para ele a possibilidade de uma relação ainda não experienciada. Outro homem que apresentasse os mesmos interesses. Seu pai deseja que ele cumpra o roteiro “natural”: ser um homem viril, violento, que goste de esportes, entre outros atributos do “homem à moda antiga”. Nesse momento, vemos o início de uma relação sendo construída entre Jamie e Hugo. Uma relação de amizade, uma relação de “pai e filho” em que Hugo ajuda Jamie com regras básicas desse novo mundo que está prestes a adentrar. Engendram-se novas formas de vida, possibilidades até então não imaginadas a partir de um trabalho de si, de uma ascese. ““A ascese é um saber do sujeito, é um trabalho que se faz sobre si mesmo para transformar-se (...). É uma atividade que compreende o desprender-se de si, o subjetivar-se.” (FERNANDES, 2008, p. 383).

“Você tem que criar uma personagem – você não pode ser somente um menino em um vestido. Um menino em um vestido é algo que as pessoas ridicularizam – uma drag queen é algo para ser temido. Você não acreditará no poder que colocar uma peruca e sapatos de salto alto lhe dará. As pessoas amam drag queens, mas também têm medo delas.”, Hugo complementa. Neste momento, Hugo revela a Jamie que ele também é uma *drag queen*, a conhecida Loco Chanelle. Jamie fica estupefato com a mudança. “Não! Não pode ser! Não! Você se torna uma pessoa totalmente diferente!”, ele afirma. Ao questionar como ela foi criada, Hugo lhe explica “É sobre a sua história, é melhor quanto mais intensa, poderosa. De onde ela vem, para onde ela vai e como você a encontrou no caminho.” Jamie, fascinado, é convidado por Hugo para ter uma estreia antes de sua festa. Ele o convida para performar no *Legs Eleven* – um sofisticado e divertido bar *drag* onde alguns amigos trabalham. Jamie, atônito, aceita e agradece.

(Re)construir-se enquanto obra de arte: dos corredores escolares para a vida

Pritti é abordada por algumas alunas, animadas com a festa de formatura, no corredor da escola. Elas insistem para que ela vá, mas ela diz que a festa não é algo de seu interesse. Assim que elas saem, Pritti ouve uma voz sussurrante que a chama. Jamie, escondido no banheiro, tenta pedir ajuda. “Rápido! Entre aqui.”, ele pede. Assim que entra, Pritti o vê com gigantes e assimétricas sobrancelhas feitas com seu lápis de maquiagem – em decorrência de técnicas que ele experimentava escondido. O show de estreia é essa noite e ele a pede ajuda para aperfeiçoar sua sobrancelha. Pritti fica indecisa pois há um teste que ela precisa estudar, mas Jamie a convence. De repente a porta começa a ser batida. “O que está acontecendo aí dentro?”, questiona Miss Hedge, a professora.

Assustado, Jamie tenta pular a janela, mas acaba ficando preso. “*Eu estou abrindo a porta.*”, diz a docente enquanto usa a chave mestra.

Ao se deparar com a situação a professora ordena que Jamie desça. Tentando adiar ao máximo, o menino desce de costas e rosto virado e assim se mantém quando toca o chão. Jamie treme e sua frio. “*Vire e me olhe agora.*”, Miss Hedge determina. Pritti inventa uma história e tenta explicar que aquilo é parte de um projeto de artes da escola. “*Eu estou explorando... identidade de gênero. Eu queria usar um rosto como um quadro para marcar uma posição política, mas eu não sou muito boa com sobranças.*”, ela diz. A professora começa a encurralá-lo com perguntas como, por exemplo, “*Por que você não fez isso no departamento de artes?*” e “*Por que você sempre dificulta as coisas para si mesmo?*”.

A docente nesse momento questiona Jamie. Acredita que aquilo não é “real”, “verdadeiro”. Para ela, Jamie é um menino que insiste em dificultar a sua própria vida – e consequentemente a dela. Dagmar Meyer e Rosângela Soares (2005) enxergam na linguagem potencial produtivo de sujeitos, saberes, relações, da nossa sociedade e cultura. Para elas é necessário tensionar o que aprendemos a ver de forma “natural”. É preciso explorar e problematizar aquilo que vemos como ambíguo, instável. Reconhecer que os saberes são provisórios e mutáveis. Que há mais do que aprendemos a ver. É importante dizer que isso é um exercício de constante questionamento e atenção.

A professora então diz que acredita em Pritti, mas pede que eles terminem a atividade no departamento de artes. Jamie concorda e diz que lavará o rosto para que deem continuidade no laboratório. “*O que você está dizendo, Jamie? Você não pode se lavar e jogar fora uma obra de arte ralo abaixo. Isso é um ato de vandalismo. Vá como está.*”. Jamie suplica para que a professora não faça isso. Seus pedidos são em vão e Jamie sai do banheiro, corredor adentro. Começa, então, *Work of Art – Obra de Arte*. A canção apresenta uma mudança nos olhares de Jamie.

Em um espaço de disputas e negociações Jamie se vê encurralado com as investidas da professora. Alunos/as tiram fotos de Jamie maquiado com seus celulares. Sua única saída é se posicionar. É ter coragem.

Miss Hedge: É isso Jamie. Eu espero que seja tudo o que você sempre quis.

Jamie: *Isso é tudo que eu sempre quis. Meu público! Meu palco! Meus dançarinos e minhas dançarinas! Todos os olhares voltados para MIM!*

Dean: *Você é apenas um menino em um vestido!*

Jamie: *Um menino em um vestido é algo que as pessoas ridicularizam – uma drag queen é algo para ser temido. E eu sou uma drag queen!*

(Trecho da canção *Work of Art*)

A música e os diálogos nos convidam a pensar nas relações de saber-poder e seus efeitos. Segundo Michel Foucault (1998), o poder não é uma substância que alguns detém, mas algo que se exerce, em constante tensionamento e atividade se espalhando capilarmente. Dessa forma, podemos inferir que as relações de saber-poder dizem de nossos processos de constituição enquanto sujeitos. Há saberes e relações de poder que posicionam Jamie, Miss Hedge, Dean e tantos/as outros/as em suas relações. Ainda buscando inspiração em Michel Foucault (1988), proponho que pensemos poder e resistência como indissociáveis. Para ele onde há poder há resistência. Isso faz com que nunca estejamos exteriores ao poder, mas em constante tensionamento. Jamie percebe nesse momento que sua saída é resistir a isso que está posto e tenta limitá-lo constantemente.

Algumas formas de (re)construção das masculinidades: da homofobia aos enchimentos e perucas e às regras

Ao chegar ao *Legs Eleven*, Jamie encontra Dean na porta. “Dean? O que você está fazendo aqui?”, ele pergunta. Dean, sarcasticamente, diz

que veio ver o show. Satisfeito ao perceber que conseguiu desestabilizá-lo, Dean diz: “*Eu sabia que você era gay, mas eu não sabia que você também era um ladyboy*”⁴. “*Drag queen!*”, Jamie o responde, irritado. “*UM SHOW DE ABERRAÇÕES! Isso que você é! Você é desprezível!*”, Dean contesta, saindo e deixando Jamie em choque, sem reação.

As masculinidades se constroem de diversas, contingentes e mutáveis maneiras. Algo que atravessa a constituição das mesmas, da nossa cultura e relações é a homofobia. Ela pode se manifestar de formas físicas e/ou simbólicas e se torna um dos caminhos pelos quais homens comumente afirmam suas masculinidades. Dessa forma, ela se torna uma forma de controle social, sendo ensinada desde cedo em alguns contextos. A homofobia engessa as fronteiras do gênero, levando a perpetuação de que há naturalidade na superioridade dos homens – desde que eles a expressem pela virilidade (WELZER-LANG, 2001, p.118). Dean, se sente no direito de atacar Jamie por perceber que ele se afasta daquilo que ele aprendeu a ver como “masculino”, “viril”, o “homem de verdade”.

Dentro do camarim do clube, a mãe de Jamie e Ray já o aguardam acompanhadas de quatro *drag queens* – uma delas é Loco Chanelle. Jamie entra frustrado e logo é abordado pela mãe. “*Eu não posso subir no palco.*”, ele revela, triste. “*Jamie, olhe quem está aqui.*”, Margaret diz e ele pela primeira vez vê Loco Chanelle. Mesmo feliz com o encontro, Jamie não está mais animado para se apresentar. “*Eu ainda não sei o nome da minha drag queen. Eu sou patético.*”. Loco pede que todas saiam e a deixe a sós com Jamie. “*Quem é ela? Eu não consigo vê-la. Eu não consigo encontrá-la.*”, Jamie desabafa. Loco o aconselha a ir em direção a ela e assim a *drag queen* começa a ser “construída”. As três *drag queens* retornam e ajudam Jamie a vestir sua “armadura”.

4 *Ladyboy* é um termo pejorativo utilizado para se referir a travestis, especialmente no sudeste asiático.

Enquanto Jamie veste os enchimentos e sapatos chega um buquê de flores com um cartão. O nome assinado é de seu pai, mas foi Margaret quem novamente tenta trazer conforto para seu filho. “*Sua mãe me contou sobre o show e sinto muito não poder estar presente, mas agradeço o convite. Boa sorte, filho. Papai. Obs: o vestido está pago.*”. Aquilo é a melhor notícia que Jamie podia ter recebido. Ele finalmente se convence a realizar o show. “*Eu não posso acreditar! Isso é por você, pai!*”, Jamie diz. Todas ajudam Jamie a terminar de se montar. São colocados uma longa peruca loira, o fabuloso vestido vermelho, brincos, pulseiras e maquiagem. Loco interpela Jamie e lhe pergunta o nome de sua *drag* novamente. Jamie diz que não sabe. “*Vamos lá! Sobre o que é isso tudo? Diga Jamie!*”. “*É sobre mim! Mim! MIM!!!*”. “*É isso, garoto!*”, diz Loco com um grande sorriso e brilhos nos olhos. “*Senhoras e senhores! Por favor, recebam para a sua estreia, no palco do Legs Eleven, a logo lendária MISS MIMI MIM!*”

É o dia seguinte ao show. Alunos e alunas em sala de aula comentam sobre a apresentação. De uma forma geral todos/as estão admirados/as. A forma que encontram de expressar isso é através de uma canção. “*Todo mundo está falando sobre o Jamie / Todo mundo está falando sobre o menino em um vestido / Que nasceu para se expressar!*” são alguns dos versos da música. A escola de Jamie mostra nesse momento a potência que há para se discutir sobre aquilo que atravessa nosso cotidiano, nos atravessam e nos (re)constituem. Mostra também que muitas vezes os/as alunos/as trazem conteúdos para as aulas, mesmo que alguns/mas não considerem a discussão sobre gênero e sexualidade admissível. Elizabeth Ellsworth (2001) ao perceber a força social, política e estética dos filmes, defende que há em nossas ações – assim como nos artefatos culturais – um modo de endereçamento.

O termo que tem sua origem nos estudos do cinema trata de questões intimamente ligadas a uma mudança social. Nossas ações – inclusive em uma sala de aula –, produções cinematográficas e outras

produções midiáticas são investimentos e agem pedagogicamente sobre os sujeitos. Pode legitimar e deslegitimar sujeitos e saberes, nos ensina modos de ser e estar no mundo, assim como resistir e/ou subverter certas normas. Não há algo material que defina o modo de endereçamento, pois ele diz de uma relação estabelecida. “O modo de endereçamento consiste na diferença entre o que poderia ser dito – tudo o que é histórica e culturalmente possível e inteligível de se dizer – e o que é dito.” (ELLSWORTH, 2001, p. 47)

Miss Hedge e Dean estão incomodados com a euforia, até que a professora ordena que alguém explique o que está acontecendo. Jamie surge usando óculos gigantescos, um longo lenço amarelo e uma bolsa prateada brilhante. Ao perguntar onde ele estava, Jamie responde a professora que havia perdido a hora e pede desculpas. “*Não, Jamie. Eu sinto muito que você de repente tenha sentido a necessidade de se tornar o centro da atenção.*”. Jamie retira seus óculos, revelando imensos cílios postiços cor de rosa e brilhos. A professora então o lembra que o uso de maquiagem é contra as regras de uniforme da instituição. “*Contra as regras das meninas, sim, mas se você verificar o regimento dos meninos – e eu o fiz – não diz nada.*”. Jamie completa agradecendo a professora por testá-lo como fez. “*Porque agora eu realmente sou sua obra de arte.*”, ele diz.

O fato de Jamie romper com normas, transgredir com aquilo que é esperado causa ruídos na relação com sua professora. Ela se incomoda com o fato de Jamie usar elementos “femininos” e tenta cerceá-lo com as regras da escola. Entretanto, em nenhum momento ela chama atenção de Dean que constantemente persegue Jamie. É o olhar construído entre o que é aceitável e o que não é. É o silenciamento e invisibilização de uma questão que deveria ser problematizada nesse espaço e em tantos outros. Segundo Guacira Lopes Louro (2004b), a rejeição desses sujeitos leva a uma série de violências como, por exemplo gozações e insultos. Isso (re)produz a estigmatização desses corpos no ambiente escolar,

fazendo com que LGBTT+s⁵ ainda sejam vistos em alguns contextos como patológicos, desviantes e/ou indesejados.

Assim que a professora sai, as alunas cercam Jamie querendo saber mais detalhes. “*Jamie, você vai à formatura usando um vestido?*”, pergunta animada Bex, uma das alunas. “*Não, claro que não.*”, responde Jamie se fazendo de desentendido, mas com um sorriso que revela o contrário. Bex e Becca, outra aluna, percebem e questionam novamente. “*Uma dama nunca revela.*”, ele responde com um sorriso e uma piscada de olho. “*Isso. É. Épico!*”, elas comemoram e saem. Nesse momento ficam Jamie e Dean na sala. Jamie não precisa de sua armadura para enfrentá-lo. “*Eu não sou desprezível, Dean. Você pode ter o corpo em forma e você poder ser belo, mas você é tão feio e desagradável.*”. Dean, irritado, agarra Jamie pela lapela de seu blazer, pronto para lhe bater. Jamie apenas se inclina para frente fazendo com que seus lábios se toquem brevemente. Dean, fica sem saber o que fazer. Jamie pega suas coisas e sai.

Já em casa, Jamie faz alguns ajustes em seu vestido para usá-lo no baile. Margaret fica um pouco receosa de que o filho acabe ofuscando os/as colegas. Jamie e Ray, entretanto, se divertem enquanto cantam e dançam. De repente o telefone toca. Jamie atende e tudo muda. Com uma feição preocupada Jamie diz: “*Mãe, é da escola.*”. Na cena seguinte Margaret, Ray e Jamie vão até a escola conversar com Miss Hedge. Assim que são recebidos Margaret a pergunta o que está acontecendo. A professora pede desculpas pela ligação, mas como ela havia mencionado houve reclamações. Ela então pergunta se é verdade que Jamie pretende ir à formatura usando um vestido. “*Jamie, a formatura é um evento para todo mundo. Não é justo que você monopolize toda a atenção.*”

5 A sigla LGBTT+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros) será adotada para dar visibilidade as identidades de gênero e orientações sexuais. O sinal de + é utilizado como forma de incluir pessoas que não se sintam representadas pelas outras letras e indicar de que o processo de (re)construção da mesma não se finda.

Com uma voz trêmula, Jamie promete que não fará isso e que seus/ suas colegas adoraram a ideia. “*Bem, é aí que você se engana. Como eu disse, houve reclamações.*”, a professora diz. Margaret logo questiona que tipo de reclamações. “*Eu tive um pai no telefone essa tarde, muito nervoso, confuso e incomodado querendo saber se era verdade que nós a, Mayfield School, estávamos transformando a festa de seu filho em um show de aberrações.*”, Miss Hedge confessa. Jamie se defende e diz que não é uma aberração. “*A palavra que ele usou foi nojento.*”, a professora relata friamente. Jamie, Margaret e Ray estão revoltados. A professora então diz “*Eu não queria que isso acontecesse, Jamie, mas eu te avisei. Por causa disso as decisões saíram das minhas mãos.*”. Jamie, indignado, sai da sala e encontra Dean na porta. “*Engraçado como tudo dá voltas. Não é mesmo... Mimi Mim?*”

Há algo errado em Jamie? Há algo errado em um menino querer usar um vestido para a festa de sua escola? A forma como a instituição reage a ligação do pai mostra como, em alguns contextos, ela ainda não sabe lidar com a diversidade que atravessa as nossas relações. Entretanto, podemos pensar que a escola pode, e deve, ser mais. Ela é um lugar de experimentação, socialização, ressignificação, (re)construção. Segundo Anderson Ferrari (2003) a discussão sobre as sexualidades e o direito de expressão dos desejos diz do investimento em uma sociedade diferente, que aposta na formação de sujeitos que não discriminem outros/as pela sua orientação sexual e/ou identidade de gênero.

Após uma breve visita à Pritti, Jamie decide ir até a casa de seu pai. Ao recebê-lo na porta sua feição se fecha. Ele diz que Jamie não pode entrar, pois ele tem visitas. Constrangido, Jamie explica que apenas gostaria de agradecer pelas flores e o vestido. “*Que flores e que vestido?*”, pergunta o pai confuso. “*Para o meu show. Você me mandou flores. O cartão dizia...*”, Jamie tenta explicar, mas logo é interrompido pelo pai. Revoltado ele deixa claro para Jamie que ele não tem nada a ver com o envio dos presentes, “*Você não tem vergonha de si mesmo? Eu vou te repetir o que eu já disse: você me enoja.*”

O pai de Jamie atribui a seu filho um valor inferior. O enxerga como anormal e não merecedor do seu amor e atenção. Segundo Erving Goffman (1988), pessoas estigmatizadas são, comumente, excluídas, tratadas como defeito, fraqueza, desvantagem. Para ele nos baseamos em pré-concepções que são transformadas em expectativas normativas, sendo apresentadas de modo rigoroso. Isso se dá em diferentes processos como, por exemplo:

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias: Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com “outras pessoas” previstas sem atenção ou reflexão particular. (GOFFMAN, 1975, p.05).

Jamie volta para casa e confronta sua mãe. Ao vê-la com o vestido de Mimi Mim, Jamie pergunta se ela comprou o vestido. Margaret se vê encurralada e sem saber o que fazer. “*Bom, você viu no cartão...*”, ela diz envergonhada. Os dois discutem e tentam cada um puxar o vestido que acaba se rasgando. “*Eu vou para longe! Para de viver sua vida através de mim! Só porque você nunca foi ninguém. Não é à toa que o papai te deixou.*”. Margaret fica sozinha, destruída. A música *He’s My Boy – Meu Menino* – se inicia. Podemos pensar que a canção também diz de um investimento. Enquanto o pai de Jamie o menospreza, a mãe vê em seu filho uma pessoa merecedora de todo o amor e carinho, independente de sua orientação sexual. Ela também fala sobre como o filho foi importante em diferentes momentos de sua constituição.

Do momento que o vi

Nenhum homem ficou à sua frente

Ele me ensinou a lutar

(...)

Ele é minha voz

Ele é minha sorte

Ele é meu sorriso

(...)

Ele é meu bebê

Ele é meu homem

Ele é meu menino

(Trecho da canção *He's My Boy*)

Em uma rua sem iluminação Jamie surge. Ele está embriagado, andando sem direção, perdido em seus pensamentos. Três meninos usando capuz e bonés se aproximam. Eles o agredem fisicamente e verbalmente. Em meio a socos eles gritam coisas como nojento, gay e imundo. A única coisa que consegue pará-los é Hugo que passa pela rua e grita os assustando. Jamie está ensanguentado com um corte na cabeça e no rosto. A agressão sofrida por ele se dá por um olhar de desumanização, de abjeção. Para Judith Butler (MEIJER, PRINS, 2002), a condição de abjeção não se reduz ao sexo e a heteronormatividade. Essa condição diz de um processo de desumanização de determinados sujeitos. Como exemplo, ela cita as representações sobre os povos não ocidentais que a imprensa Estadunidense habitualmente (re)produz.

Hugo pergunta a Jamie o que aconteceu e por que ele está ali. Chorando, Jamie explica que estava fugindo para Londres. “*Minha vida é uma bagunça! Eu não sou ninguém! Eu não sou nada! Eu sou nojento e um nada e repugnante e um nada!*”, ele exclama. Hugo pede que Jamie não diga coisas assim sobre si mesmo, mas ele diz que só está repetindo o que seu pai diz. “*Não o escute. Ele é um homem estúpido e ignorante.*”. Jamie então questiona o por que dele acreditar e sentir tão fortemente

que seu pai está certo. Hugo tenta confortá-lo dizendo que ele é muito novo e que o mundo em que vivemos vem mudando cada vez mais rápido, “*Jamie, você tem tudo a sua frente. Esta é a sua história. Ela está acontecendo agora.*”. Jamie então pergunta como terminar isso. “*Eu não sei, Jamie. Isto é para você escrever.*”, ele responde. Jamie retorna para casa e pede desculpas a sua mãe.

Há um lugar que nós pertencemos e outras possibilidades para nossas existências

Jamie e Margaret dão início a uma conversa para que ambos possam seguir em frente. Jamie pergunta o motivo dela ter mentido e ela explica que estava tentando protegê-lo. Ela ainda diz que o único homem que amou foi seu pai, mas que agora consegue perceber que ele não foi bom para nenhum dos dois. Jamie então diz que ele não precisa de um pai, uma vez que eles têm Ray, a amiga da família que está sempre presente. “*Mãe... você já desejou que eu fosse normal?*”, Jamie a pergunta. Ela responde que ele é normal, mas Jamie insiste dizendo que se fosse seu pai não teria os deixado e ele poderia ir à formatura. “*Seu pai é um idiota. Você não fez nada errado, Jamie.*”, ela diz. Margaret ainda afirma que ele pode ir à festa, caso ainda queira, e com a roupa que preferir.

Assim, chega o dia do baile. Na frente da escola meninos e meninas socializam em grupos separados por um momento. Eles usam ternos de cores sóbrias como cinza, marrom e azul enquanto as alunas usam vestidos de diferentes cores, estampas e cortes – além da maquiagem, cabelos cuidadosamente penteados e sapatos de salto alto. Enquanto dançam e cantam os/as alunos/as usam seus celulares para tirar suas *selfies* com seus próprios celulares. Meninos e meninas são organizados não por algo inato a seus corpos, mas por saberes que os arranjam de determinadas formas. Segundo Joan Scott (1995) o gênero nos organiza socialmente, fazendo com que vejamos atributos “masculinos” – força, violência, imaturidade –

e “femininos” – fraqueza, delicadeza, maturidade – como naturais a esses corpos. Para ela, devemos refletir sobre o que a sociedade vem permitindo para determinados corpos e por que não para outros. Por que vemos com tanta “naturalidade” que alguns lugares são permitidos/ocupados por alguns/mas e negados para outros/as.

De repente os grupos começam a se misturar e conversar. Dean começa a atormentar Pritti, que usa um vestido azul e um *hijab* da mesma cor, “*Meu Deus, olha essa maquiagem. Eu achei que só havia uma drag queen nessa escola.*”. Enquanto ele a perturba apenas as meninas tentam defendê-la. Os outros meninos apenas observam. Até que Pritti decide não permitir mais que isso aconteça. “*O que você diz, o que você pensa, o que você faz... não importa mais. Amanhã você não é mais ninguém. Essa escola é o seu mundo.*”, ela diz. Todos/as, inclusive Dean, olham surpresos/as, uma vez que Pritti nunca havia feito algo do tipo.

É comum que homens naturalizem saberes e relações da nossa sociedade e não se posicionem quando ouvem “piadas” racistas, machistas, misóginas, LGBTQT+fóbicas. Quando os colegas de Jamie e Pritti não se posicionam contra a violência que Dean (re)produz – seja com Jamie, Pritti, ou qualquer outra pessoa –, eles estão permitindo que isso se perpetue e se naturalize como prática. Também podemos pensar que esses meninos aprenderam que algumas ações não são violências, são “brincadeiras”, “apenas o jeito que meu amigo é”. Este é um dos motivos que torna urgente a discussão sobre gênero e sexualidade. Para que possamos desnaturalizar essas práticas que foram ensinadas. Ações como essa atuam na construção de uma masculinidade engessada e violenta, que busca controlar socialmente homens que se afastam desse modelo. Isso perpassa “o modo de falar, o que se diz, o modo de usar o corpo, a roupa, as atitudes a tomar perante situações de tensão, conflito, emotividade (...)” (ALMEIDA, 2000, p. 242)

Nesse instante Jamie chega à escola. Para surpresa de todos/as ele não chega como Mimi Mim, mas como Jamie. Entretanto, ele usa um simples vestido branco, pouca maquiagem e sem peruca. Todos/as com exceção de Dean se mostram animados/as com sua presença lhe pedindo *selfies* e conversando. Se preparando para entrar, Jamie é abordado pela professora que questiona o que ele está fazendo e lhe lembra que havia dito que ele não era bem vindo vestido daquela maneira. “*Você me disse para não vir como Mimi Mim, senhorita. E eu não vim. Este é apenas o Jamie. Em um vestido.*”, ele responde. “*Como você pode achar que usar um vestido, qualquer tipo de vestido é aceitável?*”, ela o questiona.

Concatenar as identidades é sempre um processo de negociação e enquadramento. Também diz respeito à construção das diferenças. Marcamos assim o que é o “certo” e o “errado”, o “aceitável” e o “inaceitável” (FERRARI, 2009). Sujeitos vão sendo posicionados no corpo social e às vezes tendo suas ações questionadas. Um exemplo são os homens com performances dissidentes, que se afastam de uma ideia de masculinidade cultuada socialmente. A partir do momento que eles não condizem com a masculinidade hegemônica eles passam por questionamentos e um novo enquadramento, o da homossexualidade. Embora seja recorrente a relação entre o enquadramento com a homossexualidade e a expulsão do gênero masculino isso não afasta essas pessoas do gênero. Eles continuam sendo homens.

Jamie decide que não ficará, mas algo acontece. Os/as alunos/as tentam convencer a professora a deixá-lo entrar na festa como está. Ela, determinada, diz que não permitirá. Jamie, conformado, diz que não quer roubar a atenção de ninguém no dia da festa e que irá embora. “*Você me disse para manter meus pés no chão, professora e eu mantive. A formatura é um conto de fadas. Mas isso, eu vestido assim, isso é real.*”, Jamie lhe diz. “*Jamie, espere.*”, a professora lhe pede. Há um momento de silêncio e de troca de olhares até que a professora diz: “*Entre.*”. Jamie se aproxima da professora e com um tímido sorriso diz carinhosamente

“*Lindos sapatos, professora.*”. “*Lindos sapatos, Jamie.*”, ela retribui com o mesmo sorriso.

Todos/as entram, mas Jamie aguarda um pouco do lado de fora. Ele percebeu que Dean estava escondido e começa a chamá-lo, “*Você não vai entrar?*”. Dean aparece com os olhos marejados e sinais de choro. Ele confia a Jamie que Pritti está certa, que após a escola ele não será ninguém e que quando reencontrarem no futuro, Jamie nem o reconhecerá. “*Como eu não vou te reconhecer? Você é o Dean Paxton.*”, Jamie responde com um sorriso e Dean responde com outro. Jamie o chama novamente para festa e diz que até dançará com ele. “*Eu sou muito popular agora, isso pode ajudar com a sua reputação.*”, ele brinca com o colega. “*Eu não sou gay.*”, Dean responde. “*Tudo bem. Eu também não sou uma menina. Ninguém é perfeito.*”. Jamie então pergunta se Dean concederá essa última dança. Em meio a música alta, Dean se aproxima para pegar a mão de Jamie. “*Não, Dean. Eu vou conduzir.*”, ele diz enquanto leva o colega para o salão, o conduzindo.

Dean é um menino que aprendeu a ser esse homem violento, agressivo, homofóbico e machista. Sócrates Nolasco (1993) se distancia de concepções essencialistas para pensar o gênero. Para ele, meninos – e meninas – passam por investimentos desde o momento em que o “sexo” é anunciado. Podemos pensar nas pessoas que convivem com o menino, mas também nas séries, filmes, desenhos e escola como (re) produtoras de masculinidades legitimadas e deslegitimadas. A mudança de Dean e de Jamie mostram que outras masculinidades são possíveis. Que é possível se (re)construir para além do que está posto. É possível ser conduzido em uma dança – por um menino de vestido, inclusive – assim como falar dos seus sentimentos, entre outras coisas.

Em seguida o palco é tomado por todas as personagens para a performance da música final. *Out of The Darkness (A Place Where We Belong) – Fora da Escuridão (Um Lugar Onde Nós Pertencemos)*, é um hino

que mostra que mesmo que nós não correspondamos ao que é esperado socialmente há um lugar que pertencemos.

Todo dia é uma tentativa
Todo dia é uma escolha
Mesmo perdedores acabam ganhando às vezes
Saia e encontre a sua dança
Saia e encontre a sua voz
Porque a festa está apenas começando
Há um lugar onde nós pertencemos
Há um lugar onde nós pertencemos
E você nos ouvirá cantar a nossa canção
Neste lugar onde nós pertencemos
(Trecho da canção *Out of The Darkness (A Place Where We Belong)*)

Considerações finais

O musical *Everybody's Talking About Jamie* – Todo Mundo Está Falando Sobre Jamie – não é a primeira produção a abordar a história de um menino que não corresponde aos padrões de masculinidade de seu contexto. *Billy Elliot* é um musical e filme de sucesso que conta a história de um menino que deseja se tornar bailarino e tem que convencer seu pai. *Moonlight* é uma produção cinematográfica que fala sobre a construção da masculinidade negra em diferentes aspectos. Também há aumento das produções LGBTQIT+, com os serviços de streaming como, por exemplo, Netflix, e personagens em novelas brasileiras. Produções que se fazem necessárias por mostrarem que há mais em nosso mundo do que meninos que vestem azul e meninas que vestem rosa. Que reconhecem a força social, estética e política dessas produções que atravessam

nossos cotidianos, às vezes sem pedir licença. Ações que oportunizam debates para que possamos construir outros olhares sobre aquilo que nos foi ensinado de forma tão estigmatizada.

Jamie investe na construção de outra sociedade, escola, relação familiar e sujeito. O musical trata de assuntos potentes que nos fazem repensar como esses espaços vêm lidando com as homossexualidades e como vem acolhendo seus sujeitos. Nos inspira ao mostrar um menino que somente queria ser, viver e não se conformar com os caminhos que para ele eram limitados, entregues como o “natural” para homens. não uma exclusão, mas a possibilidade de se descobrir, não ser o “outro”, o “inferior”. Trata ações através de um olhar que nos mostra as “pequenas” violências que podem atravessar nossos cotidianos. Nos leva a pensar: quem estamos escutando?

Referências

ALMEIDA, Miguel Vale de. Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade. 2 ed. Lisboa: Fim de Século, 2000.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2003.

CORRÊA, Mariza. Repensando a família patriarcal brasileira. *Cadernos de pesquisa*. São Paulo, n.37, maio, 1981, pp. 5-16.

FERNANDES, Sandra. Foucault, A experiência da amizade. In: JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque, NETO-VEIGA Alfredo e FILHO Alípio de Souza (Orgs.). *Cartografias de Foucault*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2008, p. 377-392 (Coleção Estudos Foucaultianos).

FERRARI, Anderson. Esses alunos desumanos: a construção das identidades homossexuais na escola. *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 1, n. 28, pp. 87- 111, jan./jul. 2003.

_____. *Ma vie en rose: gênero e sexualidades por enquadramento e resistências*. *Educação e foco*. Juiz de Fora, v. 14, n. 1, pp. 117-141, mar/ago 2009.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 1988.

_____. *Ditos e escritos – estratégia, saber-poder*. São Paulo, Editora Forense, 1994.

_____. *Microfísica do poder*. 13. ed. Tradução e Organização Roberto Machado. Rio de Janeiro, Graal, 1998.

_____. *Segurança, Território, População*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo, Martins Fontes, 2008.

_____. *Hermenêutica do sujeito*. 3 ed. São Paulo, Martins Fontes, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis-RJ, Vozes, 2003.

_____. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Sexualidades contemporâneas: políticas de identidade e de pós-identidade. In: UZIEL, Anna Paula; RIOS, Luís Felipe; PARKER, Richard (Orgs.). *Construções da sexualidade: gênero e comportamento em tempos de aids*. Rio de Janeiro, Pallas; 2004b. p. 203-12.

PISCITELLI, A. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, H. B.; SZWAKO, J. E. (Org.). *Diferenças, igualdade*. São Paulo, Berlendis & Vertecchia, 2009. p. 118-146.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.20, n.2. jul.-dez., p.71-99, 1995.

MEIJER, Irene; PRINS, Baukj. “Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler”. *Revista Estudos Feministas*, v. 10, n. 1, 2002. Disponível em: http://www.portalfeminista.org.br/artigo.phtml?obj_id=1118&ctx_cod=5.1. Acesso em: 05/08/2019

MEYER, Dagmar E. Estermann; SOARES, Rosângela de F. Rodrigues. Modos de ver e de se movimentar pelos “caminhos” da pesquisa pós-estruturalista em educação: o que podemos aprender com – e a partir de – um filme. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (Orgs.). *Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. Rio de Janeiro, DP&A, 2005, p. 23-44.

VEIGA-NETO. Alfredo. “Pensar a escola como uma instituição que pelo menos garanta a manutenção das conquistas fundamentais da modernidade” In: COSTA, Marisa Vorraber (org). *A escola tem futuro?* Rio de Janeiro, DP&A, p.103-126, 2003.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: UFSC, Vol. 09, nº 02, 2001.